

INVASÕES NEGOCIADAS

Rovênia Amorim
Da equipe do **Correio**

A cabar com todas as invasões no Distrito Federal está se revelando uma missão impossível. O grande entrave são as ocupações irregulares em áreas nobres, à beira do Lago Paranoá. O governo promete rigor para impedir novas construções e aterros sobre as águas. Quem revolver terra ou começar qualquer obra sem autorização será notificado e poderá ter a construção embargada.

Mas e as invasões antigas? O Instituto de Ecologia e Meio Ambiente (Iema), responsável pela fiscalização da orla, não sabe como eliminá-las e pede ajuda. A idéia é convocar moradores, empresários, promotores de justiça, ecologistas e especialistas para discutir o assunto, em uma grande audiência pública. A data já foi até marcada: 18 de junho.

“Tem de ser uma solução negociada. Precisamos saber o que a população quer. E se haverá ressarcimento por parte daqueles que consolidaram a invasão, antes mesmo do surgimento das leis específicas sobre o assunto”, diz o diretor do Iema, Fernando Fonseca. “O que não dá para fazer é buscar um japonês em São Paulo e implodir tudo.”

Levantamento recente do Iema, vinculado à Secretaria de Meio Ambiente, Tecnologia e Ciência (Sematec), revela que o Lago Paranoá pode estar perto de se transformar em um lago artificial totalmente cercado por invasões. A ocupação irregular atinge 46,8% dos lotes residenciais no Lago Sul e mais de 80% da orla do Lago Norte.

Algumas das invasões — é o caso do Clube Cota Mil — são as mais antigas que Brasília. O guarda-barco em forma de pirâmide, que desponta dentro d'água, ficou pronto antes mesmo da inauguração da capital, em 1960. Provavelmente tenha sido a primeira invasão no lago. “O clube foi fundado em 3 de novembro de 1959. As obras foram autorizadas pela Novacap. Temos alvará e tudo. Na época não existia essa circunstância de invasão”, explica a diretora do Cota Mil, Ana Paula Wandalsen.

De lá pra cá, por quatro décadas, novos avanços proliferam pela orla sem incomodar, sem serem notados. Ninguém reclamou e os órgãos responsáveis falharam. Não fiscalizaram e nem impediram os abusos. E o resultado aparece agora. Assustador. Os novos invasores espelham-se no exemplo de quem já invadiu para jogar terra no lago e aumentar a área de seus terrenos.

■ Leia mais na página 5